

## **A Reestruturação Urbana em Natal/RN: Análise a partir dos Meios de Hospedagem e a sua inserção no território urbano natalense**

Hugo Aureliano da COSTA, UFRN<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo busca evidenciar o processo de reestruturação urbana que ocorre em Natal/RN, principalmente a partir dos anos 90, com foco para o serviço da atividade turística, principalmente no que se refere à composição e constituição dos meios de hospedagens nesta cidade. A partir dos anos 70, 80 e início dos anos 90 o Brasil passa por um processo em que insere novas atividades econômicas e novos objetos geográficos no seu território para mudar sua forma-conteúdo. Na mudança desses serviços, sem dúvidas, o turismo foi um dos que mais relegou, para si, o papel de protagonista nesta reestruturação produtiva brasileira e nordestina. Objetivamos, neste artigo entender como a reestruturação urbana de Natal esteve atrelada, em parte, a instalação de hotéis na cidade para a composição do setor de serviços desta. Dessa forma, os hotéis foram peças-chaves na renovação urbana dessa cidade e no protagonismo do turismo para Natal/RN.

**Palavras-chave:** Reestruturação Urbana, Natal/RN, Turismo, Meios de Hospedagens.

### ***The Urban Restructuring in Natal / RN: Analysis from the Means of Lodging and its insertion in the natalense urban territory***

#### **Abstract**

*The present article seeks to highlight the process of urban restructuring that takes place in Natal / RN, mainly since the 90s, with a focus on the service of tourism, especially as regards the composition and constitution of lodging facilities in this city. From the 70's, 80's and early 90's, Brazil undergoes a process in which it inserts new economic activities and new geographic objects in its territory to change its form-content. In the change of these services, without doubt, tourism was one of the most relegated for itself the role of protagonist in this Brazilian and Northeastern productive restructuring. We aim, therefore, in this article to understand how the urban restructuring of Natal was linked, in part, to the installation of hotels in the city for the composition of the services sector of this city. In this way, the hotels were key pieces in the urban renovation of this city and in the protagonism of tourism for Natal / RN.*

**Keywords:** Urban Restructuring, Natal / RN, Tourism, Means of Lodging.

### **1. Introdução**

---

<sup>1</sup> Estudante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em nível mestrado. Bolsista CAPES.

A formação da estrutura urbana das cidades não é um processo homogêneo. Ele depende, por vezes, de diversos fatores que contribuem para a gênese do tecido urbano da cidade, a saber: ação do ente público por meio de políticas, as intervenções, instalações e dinâmica dos agentes privados, os processos dos segundo e terceiro setores da economia, dentre outros. Dessa maneira, percebe-se que a cidade e o urbano, em si, são multifacetados, isto é, há várias faces/fatores que contribuem para a explicação de seu funcionamento.

Dessa forma, há um elemento central que acontece, principalmente, nos países subdesenvolvidos, para a dinâmica das cidades que é a reestruturação urbana e produtiva. Nos anos 70 inicia-se com diversas intervenções estatais, mas é a partir, de fato, nos anos 90 que o Estado nesses países, verificando as sucessivas crises dos anos 70 e 80, procura encontrar novas medidas para a dinâmica econômica da cidade para desenvolvê-la. Esse conjunto de medidas, fomentado pelo Estado, contribui para renovar o espaço urbano das cidades e ressignificá-lo, a partir de novas atividades econômicas.

No caso de alguns países subdesenvolvidos como o Brasil, o turismo acaba sendo uma dessas alternativas para, a partir da assimetria do território, receber investimentos. O caso do nordeste brasileiro e das capitais dos estados dessa região aparenta sendo o maior exemplo disto, uma vez que, a partir da lógica de “sol e mar”, junto com o apoio do Estado, várias capitais do nordeste passam por um processo de renovação urbana e direcionamento dos investimentos da ordem pública também intencionalmente concebidos para essa atividade, o turismo. E Natal/RN é uma das cidades que mais protagonistas nesse contexto.

Objetivamos, portanto, neste artigo entender como esse processo da reestruturação urbana da cidade de Natal/RN esteve atrelada, em parte, a instalação dos meios de hospedagens na cidade para a composição do setor de serviços desta. Dessa forma, esses Meios de Hospedagens foram peças-chaves na renovação urbana dessa cidade e no protagonismo do turismo para Natal/RN. Procurando atingir esses objetivos, este artigo se pautará em uma discussão baseada em Soja (1993) e Harvey (1996) acerca do processo global de reestruturação urbano-produtiva e da ação estatal que a fomenta, além de textos como os de Furtado (2005) e Lopes Júnior (2000) que explicitam o contexto das transformações natalense sob a égide do turismo.

No que se refere a coleta de dados, este artigo se baseará em fontes secundárias de dados principalmente relacionadas ao CADASTUR, ferramenta do Ministério do Turismo do Brasil, e de uma pesquisa realizada pelo SEBRAE em 2012, além dos dados nos textos já citados acerca do fluxo turístico na cidade de Natal/RN.

## **2. Turismo, Estado e a Via Costeira**

Outro debate fecundo e relevante nos tempos atuais é qual o significado do que é o turismo. Há, evidentemente, um universo de conceituações sobre o que significa o turismo e a atividade turística. Mas é um consenso, conforme aponta Baretto (1996), que alguns pontos são exclusivos na definição do turismo, a saber: não haver fixação de residência por parte do turista, ou seja, ser de caráter temporário a viagem, haver o deslocamento e o retorno, a instalação em estadias, além da viagem

ter o prazer/lazer em prol do consumo de algum serviço ou do “lugar” propriamente dito.

Com isso, para que haja a estruturação da atividade turística de modo competitivo no mercado global desse serviço, é necessário que exista “o equipamento receptor no local do destino, os serviços prestados ao turista e toda a trama de relações entre visitantes e residentes do local visitado” (BARETTO, 1996, p.15). Mais que isso: o Estado tem de intervir para dinamizar a atividade, seja criando atrativos turísticos ou uma infraestrutura que comporte a dinamização da área turística. Por isso que a Moersch (2000) afirma que o turismo é uma combinação complexa do inter-relacionamento entre produtos e serviços, daí que há de se entender o turismo hoje como uma indústria, a qual gera lucro e empregos.

Dito isso, esse serviço no Rio Grande do Norte, assim como em todo o Nordeste, até os anos 70 foi considerado incipiente, ou melhor, não organizado enquanto fenômeno social e atividade econômica (FONSECA, 2016). O Brasil, pós-crise de 1973, procurava se reestruturar financeiramente, para isso efetuou empréstimo objetivando pagar a dívida que acabara de fazer e o Estado intervinha enquanto propulsor das atividades econômicas, corroborando com o que Harvey (1996) chamara de empresariamento urbano, em artigo já citado acima.

Mas qual era o papel do Estado no turismo? Instituir políticas públicas, criar uma infraestrutura urbana e objetos geográficos que dinamizem essa atividade. O órgão criado inicialmente e de grande relevância para a atividade turística foi o Instituto Brasileiro de Turismo, mais conhecido como EMBRATUR. Este órgão foi instituído no ano de 1966, como uma empresa pública/estatal vinculada ao Ministério da Indústria e do Comércio. Hoje essa “empresa” dá lugar ao Ministério do Turismo, que fora presidido até meados de junho de 2016 por um potiguar, o ex-deputado Henrique Alves.

O EMBRATUR tivera como foco de ação, apontam Bentes e Veloso (2002), integrar a Política Urbana ao Plano Nacional de Turismo, o qual visava intervir no sítio urbano de Natal de modo que este pudesse ter um parque turístico, melhores malhas viárias, hotéis e toda a infraestrutura básica para funcionar de modo coeso o turismo e que a cidade conseguisse se inserir no espaço de fluxos mundial (CASTELLS, 1999).

Para tanto, no ano de 1977 foi construído o Projeto do Parque das Dunas/Via Costeira. De acordo com Bentes e Veloso,

O objetivo principal do Projeto Parque das Dunas / Via Costeira foi criar um distrito hoteleiro na orla marítima situada entre as praias de Areia Preta e Ponta Negra. Para tanto, propôs a construção de uma via litorânea atravessando o cordão de dunas que limita a cidade de Natal a leste. O fato da área de intervenção envolver um dos ecossistemas dunares mais representativos do sítio urbano de Natal, bem como a então favela Mãe Luiza, contribuiu para que o Projeto definisse, além da construção da Via Costeira, mais duas propostas: a) criação do Parque das Dunas; b) realização de melhorias das condições de infraestrutura da favela Mãe Luiza. (BENTES e VELOSO, 2002, p.6)

A nova forma do Estado agir enquanto agente propulsor das atividades turísticas, dentre outras atividades, o Harvey observou e afirma que esse investimento geralmente é pontual, não abarca a totalidade do território, uma vez que “o empresariamento tem como foco de atenção muito mais a economia política do local do que do território.” (HARVEY, 1996, p.53)

Nos últimos anos o foco para que o turismo atinja um maior índice em seu desenvolvimento vem sendo com outras políticas públicas, o grande exemplo é o Programa para o Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) I e II, principalmente após os anos 90 no Nordeste brasileiro. Como salientaremos mais à frente, existiam grandes hotéis já instalados no tecido urbano natalense até o início da instituição dessa política pública, porém, como afirma Baretto (1996), o atrativo turístico é mais do que o cartão postal, é também os restaurantes, boas instalações, hotéis, rede bancária, aeroportos que comportem o fluxo dessa atividade e a capacitação da população autóctone. E é no sentido de corroborar com a melhora do recurso turístico em sua totalidade que o PRODETUR foi concebido para “criar condições favoráveis à expansão e melhoria da qualidade da atividade turística na Região Nordeste, assim como da qualidade de vida das populações residentes nas áreas beneficiadas.” Daí sua atuação ficar pautada “por meio do financiamento de obras de infraestrutura (saneamento, transportes, urbanização e outros), projetos de proteção ambiental e do patrimônio histórico e cultural, projetos de capacitação profissional e empresarial e fortalecimento institucional das administrações de estados e municípios.”

Mas de nada adiantaria ter toda essa infraestrutura, o atrativo, se a cidade de Natal não estivesse na lógica do Sol e Mar. A cidade, por estar localizada no litoral oriental do Brasil, próximo a linha do equador, tem incidência solar durante o ano todo, com duas estações bem definidas e com o solo eminentemente dunar – planície costeira. Tal solo comporta a característica básica que, há várias gerações, trazem os turistas/viajantes a procura de novas experiências, que é a beleza natural que faz com que o sentimento humano se integre à natureza, mesmo nas sociedades modernas. O grande geógrafo Eliséé Reclus afirma que “os viajantes pululam em enxames em todas as regiões de fácil acesso, extraordinárias pelas belezas de suas paisagens ou pelo encanto do seu clima.” (RECLUS, 2010, p.29)

### **3. Notas sobre a Reestruturação do Espaço Urbano Natalense a partir dos meios de hospedagens**

Analisando as crises vivenciadas pelo capital no século XX e principalmente na década de 70 do século passado, Edward Soja (1993) observa que os grandes agentes do capital quando atravessam graves crises procuram sempre novas alternativas – novos investimentos – para que possam superá-las. Tais alternativas buscadas por esses agentes ocorrem no sentido de uma “frear” o que eles vêm fazendo até aquele momento, para assim reestruturar as suas atividades, no local de origem delas ou não, de modo em que possa a ascender economicamente e voltar dinamizar as suas atividades de forma lucrativa.

Para superar essas crises econômicas, os países, por intermédio do Estado enquanto empreendedor, procuram inserir e fomentar novas atividades produtivas espacialmente nos seus territórios e em lugares seletivos. Essa inserção produz o que, para Soja (1993), significa “novas geografias”. Tomando por base este autor e o

Harvey (2011), no processo chamado por esses autores de “reestruturação espacial” ocorre uma realocação de empresas, a abertura de novos mercados, a expansão de novos segmentos econômicos e a incorporação de novas áreas no ciclo de produção do capital para superarem a crise e se “ajustarem” espacialmente à Nova Divisão Internacional do Trabalho.

Podemos, então, de acordo com Soja (1993), dizer que:

a reestruturação, em seu sentido mais amplo, transmite a noção de ‘freada’, senão de uma ruptura nas tendências seculares em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política. Evoca, pois, uma combinação sequencial de desmoronamento e reconstrução, de desconstrução e tentativa de reconstituição, provenientes de algumas deficiências ou perturbações nos sistemas de pensamento e ação aceitos. (p.193)

Além disso, a reestruturação não é um processo mecânico ou automático, muito menos seus resultados e possibilidades são pré-determinados (SOJA, 1993). Ela implica fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma mescla de continuidade e mudança. Seu ponto de partida é a ligação entre reestruturação e espacialização. Por isso só se completa estas mudanças se forem espacialmente concebidas, estarem no espaço dotando-o de conteúdos, seja ele espacial, social, temporal, político ou econômico.

Porém, não basta apenas a espacialização de uma determinada atividade econômica para o entendimento dela, há no capitalismo moderno, de acordo com Neil Smith (1988), a centralização das atividades econômicas no espaço urbano. Para esse autor, “através da centralização do capital, o espaço urbano é capitalizado como espaço absoluto de produção.” (p.197) E, obviamente, algumas atividades têm tendência a ocorrerem no tecido urbano das cidades. O turismo e o modo em que essa atividade vem sendo pensada, desenvolvida e concebida no Brasil também segue a essa tendência.

O Brasil, assim como grande parte dos países do mundo, entrou em um período de instabilidade ainda maior nos anos 80, década considerada economicamente como a “década perdida” por causa da crise bancária (SASSEN, 1998). E, como viemos discutindo até aqui, após longas e sucessivas crises, o Estado busca reestruturar sua composição de atividades econômicas em seu território para que possa maximizar lucros e fazer com que a economia volte a funcionar com crescimentos sucessivos, caso isso não ocorra a tendência é que a crise se mantenha. (HARVEY, 2011)

Na fase chamada de “Acumulação Flexível” (HARVEY, 2008), alguns segmentos mudam sua estrutura e forma de funcionamento, saem da rigidez de produção que existia até outrora, mudam sua composição básica de espacialização e algumas outras atividades ganham protagonismo, como, por exemplo, a financeirização do território através dos bancos, a mecanização de produções agrícolas (No RN temos o exemplo do Vale do Açu) e a entrada de divisas através do turismo.

Nesse processo e novo “período”, o Harvey (2008) atribui três pontos centrais, os quais são alterados da ordem fordista para a chamada acumulação flexível, a saber: o trabalho, em si, sai da forma extremamente rígida, com foco gerencial e um processo de decisão repartido, vertical e aprocessual para uma maior capacidade de gerir tarefas, aumenta a multiplicidade desse trabalhador e tende-se a diminuir a demarcação das tarefas. O Estado passa, com isso, enquanto segundo ponto central, por um processo em sua atuação de desregulamentar e “re- regumelamentar” as leis que gerem o processo de trabalho e mesmo a atuação das empresas nos territórios dos respectivos Estados-Nação, pois, além de flexibilizar a produção e existir com mais afinco a chamada “guerra dos lugares” (SANTOS e SILVEIRA, 2011), o Estado torna-se também Empreendedor por causa da competitividade assídua da globalização. O Espaço, portanto, tem também uma nova reconfiguração, uma vez que as atividades econômicas agora tendem ainda mais a se agregarem através de arranjos produtivos locais ou mesmo se integrarem espacialmente com outras empresas, além de haver uma tendência maior às aglomerações espaciais. Com isso, essa integração espacial adentra na perspectiva do Castells (1999) sobre o espaço de fluxos, haja vista que, para esse autor, os serviços avançados, aliados dos fluxos da informação junto das cidades globais ou daquelas que comandam, através das novas tecnologias, conseguem reestruturar todo o processo produtivo de consumo e produção para fazer, assim, um novo espaço, cada vez mais denso, mais coeso e ligado.

As empresas, assim, começaram a cada vez mais agir em redes, seja por causa da maior facilidade de ligar processos econômicos através das grandes cidades mundiais às demais (SASSEN, 1998) ou então buscando reestruturar sua forma organizacional nas cidades diante da acumulação flexível, procurando, então, diminuir custo e otimizar lucros aonde estiverem (CASTELLS, 1999). Para isso o Estado não perde importância, ao contrário, torna-se essencial para fomentar qualquer que seja a atividade e elevar sua produção.

No caso de Natal/RN, o Estado Brasileiro diante dessa crise dos anos 80, procura nos anos 90, principalmente na Região Nordeste, oferecer financiamento para a melhora dessa atividade com o Banco do Nordeste e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), todo esse investimento teve como foco atrair capitais estrangeiros e reestruturar o território natalense visando atender a essa demanda turística, pois, assim como afirmou a Saskia Sassen (1998), o turismo nos países em desenvolvimento sempre foi visto como alternativa o seu progresso.

Partindo da acepção que Natal se reestruturou e tornou-se uma cidade de cunho turístico a partir da construção da Via Costeira e do investimento do PRODETUR, ela só poderia de fato receber um aumento do fluxo de turista se recebesse grandes investimentos internacionais para que, assim, instalasse hotéis no tecido urbano da cidade de Natal. Abaixo, mostraremos, de acordo com os dados disponíveis do CADASTUR, o ano de inauguração dos aparelhos imobiliários-turísticos mais importantes na dinâmica econômica da cidade de Natal.

Quadro 01: Aparelhos Imobiliário-Turísticos Fundados nos Anos 80, com cadastro no CADASTUR.

NOME	ANO DE FUNDAÇÃO
------	-----------------



Imirá Plaza Hotel	1982
Ocean Palace Beach Resort & Bungalows	1983
Hotel Parque Da Costeira	1983
Hotel Vila Do Mar	1984
Hotel Marsol Beach Resort	1984
Serhs Natal Grand Hotel	1985

Fonte: <http://www.cadastur.turismo.gov.br/cadastur/Certificados.mtur>.

Tomando por base os dados mencionados acima, podemos ver que, no que chamamos processo de reestruturação urbana do tecido urbano de Natal, a construção de seis hotéis nos anos 80 são imediatamente após a instalação da Via Costeira, como já foi mencionado acima neste artigo. Evidentemente que Natal tem mais hotéis do que este quadro menciona, mas pelo fato de o CADASTUR ser um site de informações pertencentes ao governo federal (Ministério do Turismo) e, conseqüentemente, datadas e dos hotéis cadastrados e disponibilizados, serão elas que irão atestar em nossa análise. Dessa forma, o aprofundamento e elevação da quantidade de hotéis em Natal se dá proporcionalmente ao aumento de investimentos públicos na cidade de Natal, com, por exemplo, a construção da Via Costeira, já falada, e com a ampliação da Avenida Engenheiro Roberto Freire, em Ponta Negra, investimentos outros de cunho na infraestrutura, como saneamento básico, são cruciais para a chegada de tais Meios de Hospedagens.

Quadro 02: Aparelhos Imobiliário-Turísticos Fundados nos Anos 90, com cadastro no CADASTUR.

<b>NOME</b>	<b>ANO DE FUNDAÇÃO</b>
Atol Das Rocas Apart Hotel	1990
Arituba Park Hotel	1991
Litoral Sul	1991
Pousada Manga Rosa	1992
Bello Mare Hotel	1994
Pousada Castanheira	1995
Porto Mirim Suítes	1995
Safári Hotel	1995
Pousada Da Terra	1995
Ingá Praia Hotel	1995
Monza Palace Hotel	1995
Visual Praia Hotel	1996
Hotel Recanto Da Costeira Ltda Me	1996
Hotel Olimpo	1997
Imirá Plaza Hotel	1997
Pousada Amazonacre	1997
Rífoles Praia Hotel	1998
Hotel Areia De Ouro	1999
Intercity Premium Natal	1999



Fonte: <http://www.cadastur.turismo.gov.br/cadastur/Certificados.mtur>.

Já na década de 90, de acordo com o quadro 02, após a instituição da primeira fase do PRODETUR/NE, a qual se investe em infraestrutura majoritariamente no litoral da cidade de Natal, principalmente na praia de Ponta Negra e suas redondezas, local o qual concentra os hotéis e investimentos, são 19 meios de hospedagens que se instalam na cidade de Natal, aumentando, assim, se comparado com os anos 80, em mais de 300% a quantidade de hotéis no município. A maior parte destes hotéis, segundo esse site, estão localizados no bairro de Ponta Negra, corroborando com a ideia já mencionada aqui de centralização de uma determinada atividade e densificação dela em certos pontos do território, e não na totalidade deste. Além dos investimentos em Ponta Negra, na Praia do Meio e Praia dos Artistas vê-se, também, a criação de Meios de Hospedagens nesses locais, instituindo novos fixos que acarretam fluxos para a cidade e aumentando, assim, a renda turística nesse período. Com dados disponibilizados pela SETUR, no ano de 1995, o turismo, com empregos diretos e indiretos no estado do Rio Grande do Norte, gerava em torno de 95 mil empregos e tinha uma receita turística de US\$ 138 milhões/ano.

Quadro 03: Aparelhos Imobiliário-Turísticos Fundados nos Anos 2000, com cadastro no CADASTUR.

<b>NOME</b>	<b>ANO DE FUNDAÇÃO</b>
Esmeralda Praia Hotel	2000
Praiamar Natal Hotel & Convention	2001
Marítima Flat	2001
Hotel Costa Do Atlântico	2001
Sossego Da Ladeira	2001
Sesc Enseada Praia Hotel	2001
Cabanas Praia Hotel	2001
Soleil Flat	2001
Toca Do Tato	2002
Bamboo Flat	2002
Continental Plaza Hotel	2002
Marambaia Apart Hotel	2002
Pousada Recanto Das Flores	2003
Quality Suites Natal	2004
Marina Travel Praia Hotel	2004
Atlantica Hotels	2004
Hotel Tubarão	2004
Pousada Azzurra	2005
Pontalmar Praia Hotel	2006
Holiday Inn Express Natal	2006
Prodigy Beach Resort Natal	2008
Littoral Maximum Flat	2008
Hotel Itália Beach	2008
Hotel Enseada De Ponta Negra	2009

Fonte: <http://www.cadastur.turismo.gov.br/cadastur/Certificados.mtur>.



Nos anos 2000, até a crise de 2008 do mercado imobiliário norte-americano, principalmente, e também do inglês (Harvey, 2011) que gerou um efeito cascata na economia mundial, são criados mais 23 hotéis, em boa parte de capital estrangeiro, na cidade de Natal. Isto é, nota-se, novamente, uma evolução se comparada com a década passada no que diz respeito à construção de hotéis, resorts e pousadas. Os investimentos internacionais fazem-se presentes, uma vez que há o auge da atividade turística no estado do Rio Grande do Norte nesse período, de acordo com Fonseca (2016), no ano de 2006/2007. Tal fato gerou, tomando por base essa autora, o efeito de valorização do Mercado imobiliário, principalmente nos bairros com teor turístico, devido a maior concentração de turistas e, por conseguinte, de elementos no espaço, como hotéis, restaurantes e casas de shows, que visassem atendê-los. No ano de 2005, de acordo com dados da SETUR, mais de 224 mil empregos diretos e indiretos tinham relação com o turismo na cidade de Natal, no auge dessa atividade e, conseqüentemente, gerava uma renda considerável para a cidade. Até o ano de 2007, há sempre o acréscimo (FONSECA, 2007) dos turistas estrangeiros no estado do Rio Grande do Norte, mas isto decresce em função da já referenciada crise que adentra e prejudica a saúde econômica dos países desenvolvidos – e, conseqüentemente, os subdesenvolvidos que estavam integrados a estes.

Quadro 04: Aparelhos Imobiliário-Turísticos Fundados a partir de 2010, com cadastro no CADASTUR.

<b>NOME</b>	<b>ANO DE FUNDAÇÃO</b>
D Beach Resort	2010
Nobile Suites Ponta Negra Beach	2010
Pousada Olho De Tigre	2010
Pestana Natal Beach Resort	2010
Aquaria Natal Hotel	2010
Ponta Do Sol Praia Hotel	2011
Pousada Vila Bonita	2011
Pousada Glamour	2012
Arena View Empreendimentos Turísticos	2012
Kristie Beach Hotel	2013
Aram Natal Mar Hotel	2014
Royal Praia Hotel	2015
Hotel Paraiso	2015
Splash Flats Turísticos	2015

Fonte: <http://www.cadastur.turismo.gov.br/cadastur/Certificados.mtur>.

De 2010 até o ano presente, 2016, há a construção de 14 meios de hospedagens cadastrados conforme aponta o site do Cadastur. Como já dissemos, fato este já explicável, porque a atividade também passa por um período de reestabilização e reconfiguração. Entretanto, essa ainda construção de meios de hospedagens se deve, também, à Copa do Mundo de Futebol Masculino que ocorreu no Brasil no ano de 2014, em que Natal também sediou. Este evento significou novas

possibilidades para o Turismo e investimentos através do PAC em obras, sejam elas como estádios à vias de acesso ao bairro de Ponta Negra. Ademais, essa diminuição da construção é, em certa medida, explicável por este decréscimo de turistas estrangeiros; porém, isso não significa uma evasão total de turistas, ao contrário, agora a tendência, também, é a vinda cada vez mais massificada dos brasileiros à cidade de Natal para usufruir do Pólo Costa das Dunas.

Com relação aos investimentos internacionais, há 8 empreendimentos na cidade da Rede francesa Accor, além de 7 empreendimentos de origem italiana, encontra-se empreendimentos de origem norte-americana, de países como Espanha, Noruega, Gibraltar, além de redes como Intercity, Delphia, Paradise, Che Largarto, Hosterling, Aram, Nobile, Holdings, Feller, Delphia, Othon, Tropical, Atlântica, Best Western e Vert Hotéis, que pertencem aos mais diversos países, como Argentina, Brasil, Reino Unido, EUA, Alemanha e Portugal.

Entretanto, como se percebe no quadro 05, o aumento do fluxo turístico para a cidade de Natal/RN foi considerável. Ganhou-se em milhares o fluxo ano após ano. Tudo isso ocorre principalmente por haver hotéis que possam receber esses turistas e, conseqüentemente, hospedá-los, afinal os turistas vão a locais em que tenha infraestrutura para o seu atendimento.

Quadro 05 – Fluxos Turistas em Natal dos anos de 1987 a 2010.

Especificações	1987	1990	1993	2001	2005	2010
Fluxo Total de Turistas para Natal/RN	112.779	115.288	205.561	291.095	402.828	554.158

Fonte: Adaptado de Cruz (1995) e EMPROTUR/RN (1994); IBGE.

Falando sobre estes turistas internacionais, de acordo com o Quadro 06, no ano de 2015, há um contingente de quase 30.000 turistas internacionais que vieram à Natal.

Janeiro	Fev	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
2.992	2.992	2.313	1.120	694	1.315	1.863	2.146	1.080	2.941	3.816	5.308

Quadro 06 - Fluxo de Turistas Internacionais no Ano de 2015

Fonte: Departamento da Polícia Federal e do Ministério do Turismo

Além dos turistas internacionais, não se pode falar do turismo sem mencionar, por exemplo, os turistas nacionais os quais vão aos setores de hospedagens. Não conseguimos encontrar os dados específicos da quantidade de turistas nacionais que vão à Natal, porém, no IBGE, conseguimos, em pesquisa efetuada no ano de 2011,

encontrar o rendimento mensal das pessoas que vão à Natal e a estimativa dos turistas que vão ao Rio Grande do Norte, embora consideramos com receio a superestimação desses dados.

De acordo com essa pesquisa do IBGE (2011), O Rio Grande do Norte teve 846.000 turistas com rendimento nominal de até 4 salários mínimos no ano de 2011, além disso obteve, também, 218.000 turistas com rendimento mensal familiar na faixa de 4 a 15 salários mínimos. Acima de 15 salários mínimos, os dados apontaram para a 69 mil turistas. Portanto, totalizando um quantitativo maior que 1 milhão e 134 mil turistas no referido ano.

Evidentemente, a crise brasileira instalada com decréscimo no PIB a partir do ano de 2014 deve ter contribuído para a diminuição desses dados, entretanto, por não termos os dados precisos, apenas fazemos essa conjectura. Mas a cidade de Natal, de acordo com dados estatísticos de porcentagens dessa mesma pesquisa, aparenta um quadro parecido com o do RN. Essa pesquisa apresentou que os turistas nacionais com classe de renda mensal familiar entre 0 e 4 SM representavam 45,6% dos turistas que vieram à Natal, enquanto que os que tinham de 4 a 15 SM eram 37,4%, além de que os com rendimento mensal familiar acima de 15 SM totalizaram 17,0% dos turistas nacionais do ano de 2011.

Em uma pesquisa realizada pela FGV, no ano de 2014, com turistas nacionais em todas as capitais sedes da Copa do Mundo de Futebol neste ano, intitulada “Pesquisa de Demanda Turística Doméstica na Copa do Mundo FIFA no Brasil – 2014”, demonstrou um dado curioso e tendência no setor de hospedagem e o qual não vamos discutir neste artigo. De acordo com esse estudo, a maior parte do público que trafegou entre as capitais em 2014 foram turistas com idade entre 24 e 44 anos, além de que 48% ficaram em casas de parentes, amigos ou alugadas, e não em hotéis/setor específico de hospedagem. Esse dado também reflete o fato de que na copa do mundo nem todos procuraram hotéis e há, cada vez mais, novas formas de se sair dos preços altos, até mesmo se utilizando de aplicativos e sites de compartilhamento de casas etc.

Sendo assim, observa-se que, nos últimos anos, tendo início nos anos 80 e principalmente nos anos 90, um dos motivos da reestruturação urbana da cidade de Natal – para uma cidade que vende o produto turístico a partir do sistema de objetos – são os meios de hospedagens. Tais fixos permitem o fluxo dos turistas por causa da estadia destes. Pois, mediante esse aumento abrupto do fluxo de turista e da instalação de hotéis na cidade de Natal, há, portanto, uma tendência preponderante ao aumento da centralização e da concentração da posse do capital, tipificado pela formação de conglomerados de algumas atividades de serviços, bem como o turismo (SOJA, 1993, p.224).

#### **4. Considerações Finais**

Tomando por base o processo a qual consideramos Natal ter passado: a chamada reestruturação urbana, que o Edward Soja (1993) discute, pode-se observar para que haja uma transformação da ordem econômica, política e social do espaço geográfico deve haver uma gama de agentes alterando o conteúdo do território.

Para tanto, o Estado, após determinados eventos como as crises, toma para si a responsabilidade de ajudar empreender as atividades urbanas nas cidades. Estas, quando se integram à lógica da globalização, aumentam as interações espaciais suas para com outras cidades do mundo por intermédio das redes, neste espaço de fluxo no qual o mundo de hoje se apresenta (Castells, 1999).

Sendo assim, após a crise da década de 80, o governo brasileiro vê como uma plausível alternativa para o crescimento econômico buscar inserir ao menos as capitais nordestinas na interface do turismo mundial, aumentando a entrada de capitais e fomentando a indústria turística. Ele investe em infraestrutura, a saber: aeroportos, portos, vias etc., para produzir uma gama de serviços que possa impulsionar o turismo (BARRETO, 1996) no determinado espaço, além das condições econômicas para tal – os fatores locais, como, por exemplo, disponibilidade e preço das terras, todo um papel institucional na execução para a instalação de políticas públicas, distância com o público europeu e recursos ambientais.

Observamos, assim, tomando por base a geografia histórica da reestruturação urbana e regional que Soja (1993) debate que esse processo de reestruturação injeta uma mutação na paisagem geográfica, fazendo com que a composição de determinadas estruturas seja alterada com o tempo e que o capitalismo sempre se recrie, buscando a maximização do lucro e fugir das crises.

A cidade de Natal/RN, assim, altera sua composição, adentra no período da “acumulação flexível”, se integra com outros espaços a partir também do fluxo turístico e está posta perante os desígnios da globalização, principalmente a partir da década de 90. Vários investimentos se fazem presentes, um destes são as cadeias hoteleiras que se instalam principalmente no bairro de Ponta Negra, alterando a infraestrutura do espaço urbano natalense, seja por intermédio da valorização de porções do território ou mesmo por causa da criação de empregos nesses locais. Portanto, a cidade de Natal reestrutura o seu urbano a partir do Turismo, em especial o bairro de Ponta Negra, nas últimas décadas a partir da chegada dos hotéis, o serviço do turismo que era incipiente, torna-se representativo na paisagem urbana e em, conseqüentemente, sua estrutura econômica.

## 5. Referências

BARETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas-SP: Papirus, 1996.

BENTES, Dulce; VELOSO, Maisa. **Do grande hotel aos palaces & resorts: os empreendimentos hoteleiros na transformação da estrutura e da paisagem urbanas de Natal/RN (1940-2000)**. In: VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2002, Salvador. VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. **Reestruturação Produtiva, Turismo e Investimentos Internacionais no Litoral Potiguar**. Revista Formação, n.23, volume 1, 2016, p. 158 – 176



FONSECA, M. A. P. **Tendências atuais do turismo potiguar: a internacionalização e a interiorização.** In: FONSECA, Maria Aparecida Pontes da; NUNES, Elías; CARVALHO, Edilson Alves de; FURTADO, Edna Maria (Org.). *Dinâmica e gestão do território potiguar.* Natal: EDFURN, 2007. p. 215-231.

HARVEY, David. **Do Gerenciamento Ao Empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio.** *Revista Espaço e Debate*, nº 39, 1996.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital.** São Paulo: Boitempo, 2011.

LOJKINE, Jean. **A Revolução Informacional.** São Paulo: Cortez, 2002

MOERSCH, Masutschka Martini. **A Produção do Saber Turístico.** São Paulo: Contexto, 2002.

RECLUS, Éliseé. **Do Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas.** São Paulo: Expressão & Arte Editora Imaginário, 2010.

SASSEN, Saskia. **As Cidades Na Economia Mundial.** São Paulo: Editora Studio Novel, 1998.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Sociedade e Território no Início do Século XXI.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria crítica social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.